

OPERACIONALIZANDO O COMANDO E CONTROLE NO COMBATE AO TERRORISMO ONZE ANOS APÓS O 9/11; REFLEXOS NO BRASIL.

General de Brigada Alvaro de Souza Pinheiro

Este artigo é um extrato da Publicação "Operacionalizando o Combate ao Terrorismo Onze Anos Após o 9/11; Reflexos no Brasil", elaborada em outubro de 2012, para aplicação no Curso de Comando e Estado-Maior da Escola de Comando e Estado-Maior do Exército Brasileiro.

O General de Brigada Alvaro, da Reserva, é especialista em Operações Especiais, Guerra Irregular e Combate ao Terrorismo, tendo publicado diversos artigos e trabalhos nessa área, tanto no Brasil, quanto no exterior. Consultor do Departamento de Educação e Cultura do Exército, Professor Emérito da Escola de Comando e Estado-Maior do Exército, professor da Universidade Católica de Brasília. Analista não Residente e membro do Conselho Editorial da Joint Special Operations University (JSOU)/United States Special Operations Command (USSOCOM), MacDill Air Force Base, Tampa/FL. Membro Honorário da Associação de Comandos de Portugal, sendo assíduo colaborador de sua Revista "Mama Sumé".



Na atualidade, o primeiro aspecto a ser focado na condução de um sistema de Comando e Controle eficiente e eficaz na prevenção e combate ao terrorismo transnacional contemporâneo, é o pleno entendimento de que as organizações terroristas pós-Guerra Fria transformaram-se radicalmente, tornando-se profundamente diferenciadas daquelas que operavam naquele período. O presente artigo analisa conclusivamente o controverso e complexo tema, atualizando o leitor para a implementação dos sistemas de segurança dos grandes eventos internacionais a serem desenvolvidos no território nacional, a curto, médio e longo prazo.

A EVOLUÇÃO DO TERRORISMO INTERNACIONAL

Indubitavelmente, os dramáticos eventos perpetrados em 11 de setembro de 2001 vieram a constituir um verdadeiro "divisor de águas", no que se refere à Nova Ordem Mundial e às ameaças à segurança internacional. Trata-se de uma significativa evolução da chamada "Guerra Irregular", que chega ao seu clímax. Nos cinco continentes, reconhece-se, consensualmente, que o conflito armado do Século XXI está sendo e será o "Conflito Irregular Assimétrico".

No passado, as organizações enquadradas no chamado "terrorismo clássico" ou "tradicional" materializavam um instrumento revolucionário, cuja perspectiva eminentemente tática tinha como objetivo intimidar os segmentos sociais que apoiavam os governos, criando um ambiente de violência e insegurança desgastador da confiança no regime. Todos os continentes se viram face a essa realidade, inclusive a América Latina e, nela, o Brasil. Hoje, num mundo acentuadamente



globalizado, essa violência extremista transformou-se num relevante instrumento de projeção de poder, a longa distância, eminentemente estratégico, tornando-se um fim em si mesmo, passando a ser identificado como **“terrorismo transnacional contemporâneo”**.

Em termos da lógica da confrontação, a característica previsibilidade dos atentados da Guerra Fria – cujos objetivos palpáveis e definidos, eram, via de regra, atingidos com base em uma “negociação” – deu lugar à total imprevisibilidade, na qual as organizações terroristas, com amplitude global, operam de forma totalmente indiscriminada, tendo como ideia-força que “quanto maior a destruição, melhor!” (não há o que negociar). Novas formas de nacionalismo, sectarismo racial e religioso, bem como o radical fundamentalismo islâmico, mudaram drasticamente o ambiente psicossocial. A lógica fica profundamente prejudicada quando a ameaça se caracteriza pela ação de assassinos fanáticos que, visando a causar o maior terror possível, usam a sua própria morte como principal instrumento, ambicionando atingir o “paraíso”, e matando indiscriminadamente, em nome de Deus (atentados suicidas). **O terror passou a ser um fim em si mesmo!**

Nesse contexto, durante a última década, o planejamento e a execução dos insidiosos atentados ganhou um refinamento altamente eficiente e eficaz, materializado em táticas, técnicas e procedimentos (TTP), fundamentalmente baseadas numa **capacitação militar altamente especializada**.

A CAPACITAÇÃO MILITAR DAS ORGANIZAÇÕES TERRORISTAS NA ATUALIDADE

Como ficou perfeitamente evidenciado nesses onze anos após o 9/11, o terrorismo tende a ser o inimigo comum, e, como tal, só há possibilidade de sucesso na sua neutralização, caso a comunidade internacional, realmente, passe a adotar, rotineiramente, medidas holísticas (políticas, econômicas, psicossociais, militares e científico-tecnológicas) de caráter eminentemente multilateral (não há mais lugar para o unilateralismo). Nesse contexto, há que se

ter em mente que as mais relevantes organizações terroristas da atualidade, a fim de atender as suas necessidades econômico-financeiras, estão cerradamente conectadas a notórias organizações da criminalidade organizada transnacional, caracterizando o fenômeno do **narcoterrorismo**, como mais um flagelo da humanidade, decorrente da atual violência extremista. As Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia (FARC), hoje o maior cartel de cocaína refinada do mundo (conforme registrado em relatórios do *United Nations Office for Drugs and Crimes – UNODC*) e as suas notórias ligações com a criminalidade organizada de diferentes países do hemisfério ocidental, inclusive (e principalmente) o Brasil, são exemplos dessa realidade.

Não obstante os severos reveses sofridos, nos anos que se seguiram ao 9/11, relevantes organizações terroristas, de uma maneira geral, valendo-se de “mão de obra especializada” oriunda de diferentes matizes (como o Irã, a Síria, e o Paquistão), bem como de instrumentos de tecnologia de ponta disponíveis no mercado (com destaque para a tecnologia



da informação), ainda se encontram capacidades ao desencadeamento de sua saga assassina. Sobretudo, porque evoluíram significativamente nos seus objetivos, e conseqüentemente, nas suas TTP. O planejamento passou a ser meticulosamente desenvolvido, nos seus mínimos detalhes, incorporando, inclusive, operações de reconhecimento especial sofisticadas, execução criteriosa de ensaios realísticos, e testes intensivos de armamento, munições e explosivos diversificados (não raro, improvisados). Acrescenta-se a introdução de técnicas atualizadas de trabalho de comando, redundando em processos decisórios efetivos, inclusive na materialização de **Ações de Comandos** (*Commando Style Terrorist Attack*), como foi particularmente verificado no contundente ataque a Mumbai.

Cada vez mais, insurgentes e rebeldes radicais, como é atualmente demonstrado por membros do Hezbollah e do Hamas, se veem e se preparam como profissionais combatentes de alto nível, o que, absolutamente, não significa que, a exemplo de seus antecessores na Guerra Fria, tenham como objetivo a formação de "Exércitos Populares de Libertação".

Muito pelo contrário, permanecem focados no seu **preparo e emprego nas TTP da Guerra Irregular**, muito embora, com um poder relativo de combate significativamente superior ao de seus similares no passado.

O APOIO DE INTELIGÊNCIA E O SISTEMA DE COMANDO E CONTROLE

Nesta última década, confirmou-se de maneira insofismável que, quanto maior a capacitação militar das células terroristas, maior passa a ser a demanda por forças militares selecionadas, de Emprego Geral e de Operações Especiais, muito bem adestradas e equipadas, para o planejamento e a execução de operações de **Inteligência, anti e contraterrorismo**. A mais recente e significativa confirmação dessa realidade vem da bem sucedida

concepção de segurança dos Jogos Olímpicos de Londres, quando a participação militar, dentro do mais completo **ambiente operacional multidisciplinar interagências**, exerceu uma liderança ímpar (materializando o princípio de Unidade de Comando), levando as operações de segurança daquele grande evento internacional a muito bom termo.

A ortodoxia do pensamento militar na condução da coordenação, controle e sincronização dos ambientes operacionais de prevenção e combate à violência extremista tem como um de seus pilares básicos, a imperativa relevância da atividade de **Inteligência**. O **apoio de Inteligência** é uma ampla atividade de Segurança e Defesa Nacional, materializada

por um Sistema Nacional dotado de plena capilaridade, inclusive, com imprescindíveis conexões no exterior que, pela sua natureza, é, hoje, nos cinco continentes, considerada a primeira linha de defesa dos interesses vitais de qualquer estado nacional. E, como tal, constitui-se na **atividade básica** do Sistema de Comando e Controle de qualquer campanha de prevenção e combate ao terrorismo. Sem um Sistema

de Inteligência eficiente e eficaz, nenhuma das demais atividades básicas de prevenção e combate ao terrorismo (Antiterrorismo, Contraterrorismo e Administração de Conseqüências) cumprirá o seu papel.

A coordenação, o controle e a sincronização das ações estratégicas, operacionais e/ou táticas, a serem conduzidas nos diversos níveis, são exercidas a partir de um Sistema de Comando e Controle, universalmente identificado pela sigla **C4ISR** (Comando, Controle, Comunicações, Computadores, Inteligência, Vigilância e Reconhecimento). Este verdadeiro "Sistema de Sistemas" (com os sistemas **C4** e **ISR**, plenamente integrados), operam no contexto de uma concepção tecnológica de ponta conhecida como *Network Centric Warfare* – **NCW** (Guerra Rede-cêntrica);

"O apoio de Inteligência (...) constitui-se na atividade básica do Sistema de Comando e Controle de qualquer campanha de prevenção e combate ao terrorismo."



Foto: Arquivo CCOMSEX

Tropa de Forças Especiais em treinamento de Técnica de Progressão.

e nele estão representadas todas as agências que caracterizam em sua plenitude a integração de uma arquitetura multidisciplinar interagências.

Esta moderna concepção rede-cêntrica (fundamentalmente antagônica a uma já ultrapassada filosofia egocêntrica) possibilita uma significativa expansão do compartilhamento simultâneo dos dados e informações, fator decisivo para a incrementação da qualidade desses dados e informações obtidas, resultando numa **consciência situacional** muito mais acurada; e numa sincronização plena entre as três funções operacionais científico-tecnológicas básicas: o **sensoriamento** (busca da informação sobre o terreno fisiográfico, condições meteorológicas, **terreno humano** e as ameaças em presença); o processamento (**tomada da decisão** e sua implementação); e a **atuação** (neutralização das ameaças), propiciando uma relevante agilidade, eficiência, eficácia e, sobretudo, **proatividade** em todo o processo.

Tudo isso resulta numa redefinição muito positiva no relacionamento entre comandos superiores e seus escalões subordinados. Com o suporte de uma oportuna e acurada Inteligência, os comandantes podem decidir com rapidez e oportunidade (não raro, preemptivamente),

desdobrando seus efetivos no melhor dispositivo; coordenando, controlando e sincronizando os sistemas operacionais em melhores condições; e colocando suas tropas em situação vantajosa com relação às ameaças em presença (a proatividade tornou-se fator fundamental!).

Nesse contexto, possibilita-se aos comandantes, em todos os níveis – estratégico, operacional e tático – manter a iniciativa das ações, conservando uma **postura permanentemente proativa** (ao invés de uma ultrapassada postura reativa). Essa proatividade é um fator absolutamente imprescindível em qualquer plano de segurança, particularmente, para eventos internacionais de grande porte, em função das atuais características das ameaças do terrorismo transnacional contemporâneo que, na atualidade, exercido por atores não estatais, desempenha um papel eminentemente protagonista (e não mais coadjuvante), qualquer que seja o ambiente operacional em presença.

Todo esse “sistema de sistemas” é estabelecido para suportar uma estrutura de comando e controle de um Comando Conjunto (de alto nível), constituída, basicamente, por cinco pontos nodais: um Centro de Coordenação de Operações Conjuntas; e 4 Centros de Coordenação de

Operações de Comandos Componentes: Operações Terrestres, Operações Marítimas, Operações Aéreas e Operações Especiais (no Brasil, este Centro que coordena, controla e sincroniza as Forças de Operações Especiais é identificado como Centro de Coordenação Tático Integrado – CCTI).

A partir de meados de 2004, um grande número de países (tais como EUA, Alemanha, Reino Unido, França, Rússia, Áustria, Polônia, Indonésia, Eslováquia, Espanha e outros) estabeleceu **centros nacionais de Combate ao Terrorismo**, adotando como seu ponto focal, a atividade do Apoio de Inteligência, num ambiente de prevenção e combate ao terrorismo. São organizações governamentais especificamente responsáveis pela análise e integração das informações de todos os matizes, tanto referentes às células terroristas, quanto às atividades básicas de Antiterrorismo, Contraterrorismo e Administração de Consequências. Foram concebidos para operar como verdadeiros centros de Planejamento de Inteligência Conjunta, tendo como foco, o estabelecimento de medidas proativas, eficientes e eficazes (sua principal razão de ser).

Especial atenção deve ser dada à **“Análise do Risco da Ameaça”**, na medida em que se constitui no documento detonador de todo o processo de planejamento e execução das atividades de prevenção e combate ao terrorismo. Deve responder aos **Elementos Essenciais de Inteligência (EEI)**, nos questionamentos referentes à liderança, motivações político-ideológicas/religiosas/étnicas, TTP usuais, capacitação operacional, fontes de recursos, etc. Na atualidade, a Análise de Risco da Ameaça determina um impositivo intercâmbio com agências de Inteligência de outros países. Hoje, é imprescindível, por exemplo, que o levantamento de organizações terroristas como *Al Qaeda*, *Hezbollah*, ou *Hamas*, seja produzido mediante consulta (dentre outros, no Oriente Médio), ao Sistema de Inteligência Israelense, cujos órgãos focais são, respectivamente, no campo externo, o *Mossad*, e no campo interno, o *Shin Bet*.

Durante os Jogos Olímpicos de Londres, o Centro Conjunto de Análise de Terrorismo (*Joint Terrorism Analysis Centre – JTAC*), na sua infundável e focada Análise do Risco da Ameaça,

estabeleceu os seguintes níveis: *Critical* – um ataque iminente é esperado; *Severe* – um ataque é altamente provável; *Substantial* – um ataque é uma forte possibilidade; *Moderate* – um ataque é possível, porém, pouco provável; *Low* – um ataque é improvável. Durante a execução dos Jogos, o nível de ameaça do terrorismo transnacional (origem externa) foi *Substantial* (assessoria do MI 6, Serviço de Inteligência do campo externo). Com relação ao terrorismo doméstico do *Irish Republican Army – IRA*, na Irlanda do Norte, o nível foi *Severe*; e na Grã Bretanha, foi *Substantial* (assessoria do MI 5, Serviço de Inteligência do campo interno). Não obstante o meticoloso e intensivo trabalho interagências envolvido nessas conclusões, os experientes analistas ingleses, (a exemplo do que ocorre a nível global) estão sempre avaliando o ambiente operacional em presença, tendo sempre em mente a **pior hipótese**.

As Forças de Operações Especiais (FOpEsp) decisivamente engajadas em Operações Contraterrorismo (operações ofensivas de caráter repressivo), assim como as Forças de Emprego Geral (FEmpGe) engajadas em operações contra Forças Irregulares (inclusive de Antiterrorismo – operações defensivas de caráter preventivo), seja em ambiente urbano e/ou rural, estão empregando com pleno êxito a metodologia conhecida globalmente pela sigla **F3EA** (*Find, Fix, Finish, Exploit and Analyse*). Essa metodologia tem se mostrado consistente na neutralização de alvos de alto valor estratégico (incluindo as lideranças terroristas).

A figura a seguir demonstra o esquema de integração que deve existir entre as Operações de Inteligência e as Operações das FOpEsp. Esse esforço, hoje, está sendo universalmente conhecido como **“Intelligence Special Operations Fusion”**. Apesar de ainda estar sendo mantida sob criterioso sigilo, a recente eliminação de Osama Bin Laden (*Operation Neptune Spear*, 2 de maio de 2011, em Abbottabad/Paquistão) passou a ser o maior exemplo de uma arquitetura multidisciplinar interagências bem sucedida, que enfatiza a fusão Inteligência/Operações Especiais, tudo sob o Comando centralizado de uma Força Tarefa Conjunta de Operações Especiais (FTCjOpEsp).

METODOLOGIA

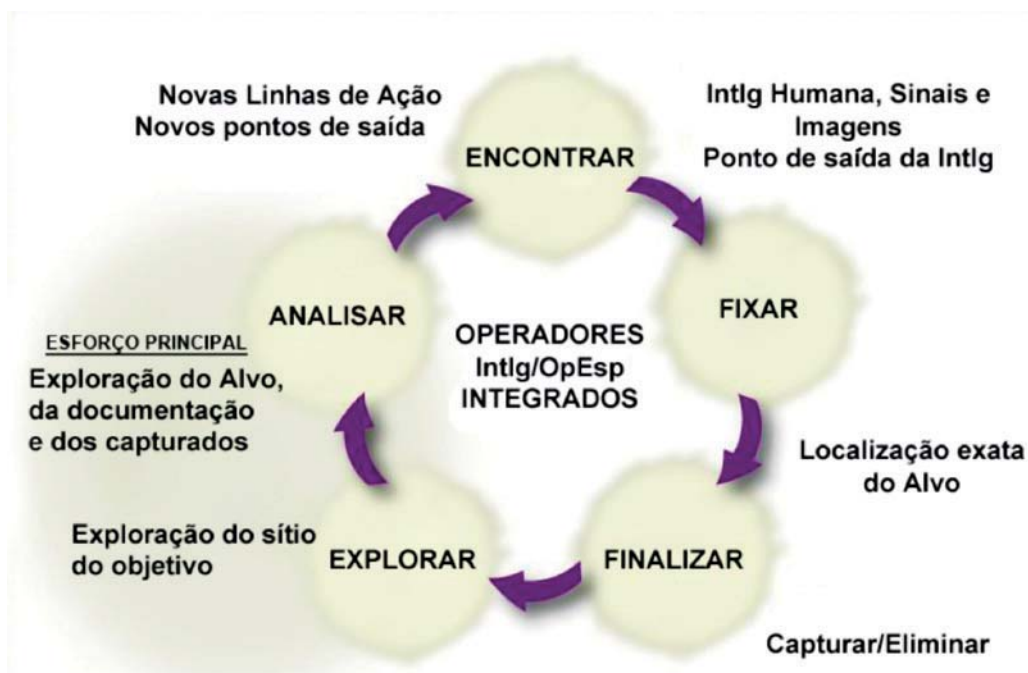


Figura 1: Integração entre as Operações de Inteligência e das Forças de Operações Especiais.

O CONTRATERRORISMO PROATIVO

Seja num Teatro de Operações ativado (Afeganistão ou Iraque, por exemplo) ou no planejamento e na execução de um grande evento internacional, em tempo de paz, está indiscutível e globalmente consagrada a concepção de **Contraterrorismo Ofensivo, Proativo ou Preemptivo**. Na verdade, essa concepção, de uma maneira geral, já está bastante divulgada entre as FOpEsp militares nos cinco continentes. Entretanto, ainda permanece uma ilustre desconhecida das FOpEsp de manutenção da Segurança Pública (*Law Enforcement*), cuja rotina diária lhes impõe uma concepção ainda reativa.

Essa concepção preconiza que para neutralizar eficiente e eficazmente uma célula terrorista (por captura ou eliminação), é necessário negar-lhe o acesso ao objetivo colimado; ou seja, há que interditá-la antes de sua ação no objetivo. Nessa concepção, o Comando da FTCjOpEsp deve estar ciente (por meio das Operações de Inteligência executadas pelas Equipes Táticas de Operações Especiais) das atividades desenvolvidas pela célula terrorista no seu ciclo de Planejamento de um atentado (*Terrorist Attack Planning*

Cycle): Seleção Ampla de Alvos, Levantamento de Inteligência e Vigilância, Seleção do Alvo Específico; Vigilância pré-ataque e Planejamento Final; Ensaios; Ataque (Ações no Objetivo); Fuga e Evasão e Exploração (aproveitamento do êxito pelo "oxigênio da publicidade").

O Comando Conjunto de Operações Especiais deve planejar o emprego de suas FTCjOpEsp numa Campanha de Contraterrorismo (considerando a pior hipótese de neutralizar diferentes organizações, atuando em diferentes sítios, com diferentes níveis de capacitação operacional, simultaneamente) integrando o planejamento de seus elementos subordinados com as operações de Inteligência, no mais puro conceito *F3EA*. Além disso, uma **cerrada conexão** entre as Ações de Aproximação Diretas e Indiretas deve ser buscada, conforme o modelo de seu Plano de Campanha. Destaque-se que, conforme o ambiente operacional em presença, as ações estratégicas/operacionais básicas são gradativamente escalonadas, de acordo com a intensidade da ação cinética de combate, desde **impedir** até **destruir**. Sempre tendo em mente que **agilidade** e **flexibilidade** são vetores primordiais no processo decisório.

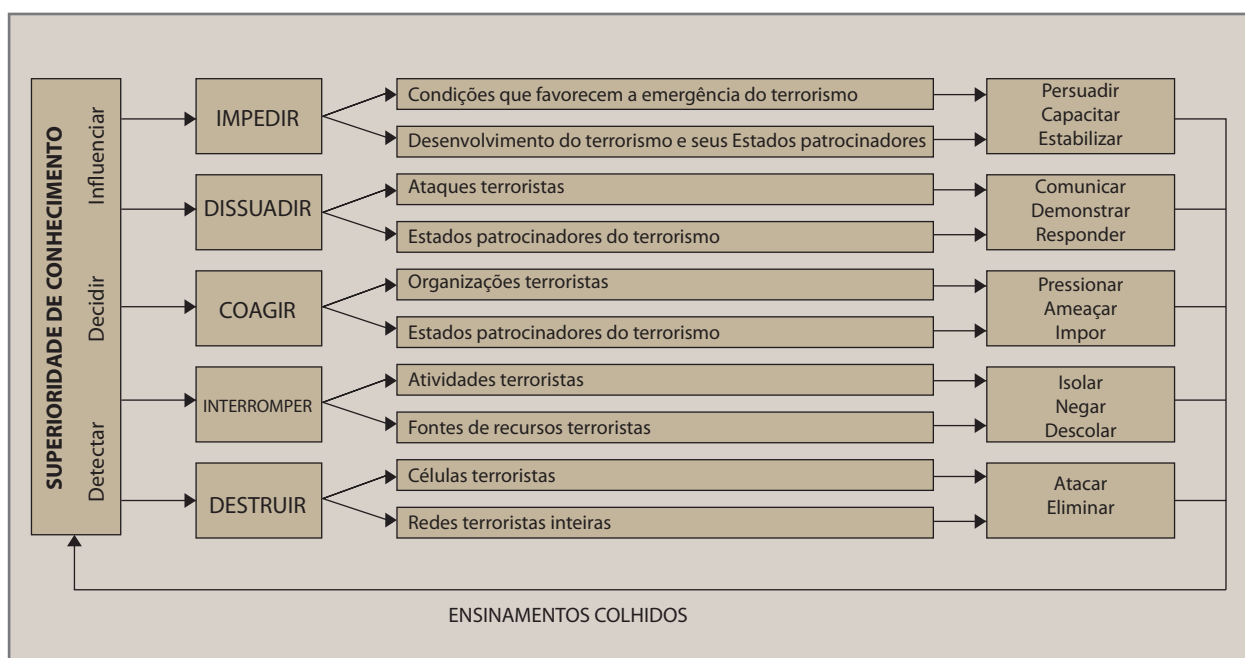


Figura 2: Ações Diretas e Indiretas – Plano de Operações – Campanha de Contraterrorismo

O COORDENADOR DA AÇÃO CONTRATERRORISTA (CACT)

No contexto da globalização que envolve, nos cinco continentes, a prevenção e o combate ao terrorismo transnacional contemporâneo, as FOpEsp, rotineiramente, organizam-se para fins de Comando e Controle (CAISR) em FTCjOpEsp (mais de uma quando for o caso de diferentes áreas de operações). O Comandante dessa Força, devidamente assessorado por um estado-maior específico para o ambiente operacional em presença (Pessoal; Inteligência; Operações; Logística; Operações Psicológicas; Comunicação Social; Defesa Química, Bacteriológica, Radiológica e Nuclear; Aviação do Exército; Oficiais de Ligação de Operações Especiais da Força Aérea, da Marinha e do Corpo de Fuzileiro Navais; etc). No Brasil, esse Comandante também é o Chefe do CCTI. Quando eclodem indícios de um incidente terrorista, na área de sua responsabilidade, ele passa a acumular as funções de **Coordenador da Ação Contraterrorista (CACT)**.

O princípio básico adotado em todos os países que estão colocando em prática este conceito é que toda vez o comandante da FTCjOpEsp/CACT empregue os seus elementos subordinados, exercendo seu papel de CACT (sejam ao nível de

Equipes Táticas – 4 Operadores por equipe – ou até mesmo de Destacamentos Contraterrorismo – DCT, constituídos em número variável de Equipes Táticas), em condições emergenciais (ou de conduta), mantendo preservada a sua imprescindível **Unidade de Comando**.

Nesse momento, essa autoridade militar recebe indispensáveis reforços em pessoal. Dentre uma série deles, há que se destacar agentes de Inteligência (analistas e operadores) especialistas nas células terroristas em presença. A eles caberá a relevante tarefa de condução de interrogatórios e de interlocução com qualquer elemento da organização extremista. É importante ter sempre em mente que, diferentemente do “terrorismo clássico”, em que os interlocutores eram basicamente “negociadores”, no terrorismo transnacional contemporâneo, a interlocução deve ser conduzida por analistas especializados naquela organização (após o 9/11, não existe nenhum caso registrado de “negociação”).

Outro reforço imprescindível, visando às ações cinéticas (de combate) a serem implementadas, demandará que o CACT assumo o Controle Operacional (CtOp) de elementos de Forças Antiterrorismo que, tanto podem ser das Forças de Emprego Geral militares, quanto

das Forças Policiais de Segurança Pública em presença. A finalidade desse CtOp é, por exemplo, nas situações que se faz imprescindível o isolamento de uma determinada área que poderá vir a ser objeto de uma ação contraterror (a ser executada por um Escalão de Assalto), o Escalão de Segurança com a missão de materializar o isolamento dessa área, será dessa Força Antiterror, que passará ao CtOp do CACT. Dessa forma, este CACT dentro da maior ortodoxia do princípio de **Unidade de Comando**, deverá exercer em toda a sua plenitude, o comando, a coordenação, o controle e a sincronização de todos os elementos envolvidos na ação a ser realizada (Escalões de Assalto, Segurança, Reconhecimento, Tarefas Especiais etc.)

Os profissionais adestrados para o exercício dessa sensível e crítica função operacional de CACT, devem estar plenamente conscientes de sua cadeia de comando, para que nas situações em que decisões fundamentais sejam tomadas por autoridades de nível mais alto, o referido CACT não tenha prejuízos no comando de seus Destacamentos subordinados. Há que se ter sempre em mente que, nas situações em que houver decisão por um nível mais alto, uma determinada ação de investimento sobre uma área de homizio

terrorista, o planejamento e a execução dessa ação estará sob a plena responsabilidade do CACT.

O adestramento de profissionais militares de elevado nível hierárquico militar para o exercício dessa função é complexo, deve ser específico e conduzido sob a forma de Estudos de Casos, baseados em situações criadas em função da situação a ser vivenciada no cenário em presença, seja num TO ativado, seja num evento internacional de grande porte, em situação rotineira de paz. Acrescente-se que, antecedendo os eventos a serem protagonizados, o CACT deve ter a oportunidade de, num programa de adestramento muito bem planejado, com objetivos perfeitamente levantados, estabelecer os imprescindíveis laços táticos, entre todos os elementos envolvidos, condição indispensável em situações de risco dessa natureza.

REFLEXOS NO BRASIL

Após ter conduzido com pleno sucesso, em 2011, os V Jogos Mundiais Militares; e em 2012, a Conferência das Nações Unidas sobre o Desenvolvimento Sustentável, a "RIO + 20", o Brasil sediará, a curto, médio e longo prazo os seguintes grandes eventos internacionais: em 2013, a Copa das Confederações da FIFA e a



Foto: Arquivo CCOMSEX

Jornada Mundial da Juventude Católica (com a presença do Papa); em 2014, a Copa do Mundo da FIFA; e em 2016, os Jogos Olímpicos e Paralímpicos do Rio de Janeiro. Todos eventos de grande porte e de significativa repercussão internacional.

A partir de uma análise de risco de ameaças, em função das conjunturas global, regional e nacional, é plausível levantar-se três tipos específicos de ameaças. O primeiro, de origem totalmente exógena, fica materializado por **grupos terroristas transnacionais contemporâneos**, de origem fundamentalista islâmica, que lançariam seus atentados a partir de plataformas terrestres limítrofes ao território nacional, com destaque para a Região da Tríplice Fronteira do Cone Sul (Foz do Iguazu/BR, Ciudad del Leste/PAR, Puerto Iguazu/ARG), com a sua famosa comunidade muçulmana (lendária em função dos atentados de 1992 e 1994 perpetrados pelo *Hezbollah* na Cidade de Buenos Aires) e a sua tradição de verdadeiro santuário de criminalidade transnacional.

O segundo, de origem totalmente endógena, fica materializado por grupos diversificados da **criminalidade organizada** nas grandes metrópoles do Brasil, com destaque para Rio de Janeiro e São Paulo, onde, na atualidade, verificam-se ações tipicamente narcoterroristas que confirmam a caótica situação da Segurança Pública em todo o território nacional.

E o terceiro, seria um misto de influência exógena, a partir das FARC, e endógena, a partir de organizações da criminalidade organizada de algumas de nossas grandes metrópoles, que já possuem um histórico de conexão com aquela organização que hoje deixou de ser um movimento revolucionário, para tornar-se o maior cartel de cocaína refinada do mundo, com ligações em praticamente todos os países da América Latina, incluindo severas conexões no Brasil.

Essa listagem dos três tipos de ameaças, por si só já seria suficiente para que a perspectiva do tema segurança dos grandes eventos fosse tratado com o máximo rigor e preocupação. Todavia não é exatamente esse ambiente que se percebe, de uma maneira geral, no Brasil. Na verdade, o que se observa, é que mesmo no nível do governo federal, e de uma maneira geral, junto à sociedade, há uma crença de que nosso País estaria imune a esses tipos de ameaças. Que o território nacional

estaria protegido por uma falsa sensação de afastamento físico dos focos de conflitos armados que se precipitam pelos cinco continentes.

Em função dessa mentalidade quase surrealista, percebe-se o surgimento de questionamentos extremamente perigosos para a condução das medidas a serem implementadas. Não raro, em alguns setores da Segurança Pública, questiona-se a competência dos Comandos Militares de Área do Exército Brasileiro (EB) para condução de eventos dessa natureza. Uma assertiva absolutamente desprovida de fundamentação, pois os dois mais recentes grandes eventos internacionais demonstraram, confirmando toda uma história de bem sucedidas



Atuar em ambiente urbano é uma das capacidades das FOPEsp.

realizações, que não há nenhuma instituição mais preparada para a condução desses eventos do que os Comandos Militares de Área do EB, sobretudo, pela sua tradicional e ímpar **competência profissional multidisciplinar interagências**. Por outro lado, alguns dos próximos eventos exigirão uma presença seletiva, em praticamente todo o território nacional, característica que só as Forças Armadas, e em particular, o EB, possuem.

Da mesma forma, ao analisarmos os meios disponíveis no país para a execução das ações cinéticas de prevenção e combate ao terrorismo (**Anti e Contraterrorismo**), mais uma vez, avulta

a necessidade de que haja criteriosa e exigente seleção de pessoal; alto nível de trabalho de comando (que fundamenta um processo decisório eficiente e eficaz) e de adestramento; e o principal: um comprometimento ímpar com o cumprimento de missões típicas de defesa da soberania e da integridade do território nacional.

Todas, capacitações cultuadas que orientam as atividades de preparo e emprego da Brigada de Operações Especiais (BdaOpEsp – Goiânia/GO), da Brigada de Infantaria Paraquedista (BdaInfPqdt – Rio de Janeiro/RJ); das 11ª e 12ª Brigadas de Infantaria Leve (11ª e 12ª BdaInfL, respectivamente, Campinas/SP e Caçapava/SP); e do Comando da Aviação do Exército (CAvEx – Taubaté/SP), dentre outras Grandes Unidades. Acrescentem-se as Organizações Militares especializadas da Marinha do Brasil, com destaque para a sua tradicional e valorosa Força de Fuzileiros da Esquadra (FFE/CFN – Rio de Janeiro/RJ), bem como as suas respectivas FOpEsp da Esquadra e do CFN. E ainda, a imprescindível participação das unidades aéreas e de Operações Especiais da Força Aérea Brasileira (FAB).

Todos esses destaques, acima registrados,

não representam qualquer tipo de preconceito ao aparato de manutenção da segurança e da ordem públicas, materializado pelas forças policiais federais, militares e civis estaduais; sempre muito bem vindas ao Controle Operacional dos Comandos de mais alto nível do EB.

O mundo permanece um lugar extremamente perigoso. A lógica do terrorismo no Conflito Irregular Assimétrico deixa claro que qualquer país pode ser alvo de insidiosos e sangrentos atentados. Particularmente, quando seus territórios tornam-se cenários para grandes eventos internacionais de grande repercussão político-estratégica.

Sobretudo, é impositivo que a sociedade brasileira tenha sempre em mente que o Brasil foi o único país da América Latina que sempre resolveu seus problemas internos, inclusive no conturbado período da Guerra Fria, sem a presença nem de assessores, nem de tropa estrangeira no nosso território. E, por isso, até hoje, somos significativamente reconhecidos pela comunidade internacional de segurança e defesa.

**COMANDOS! FORÇA!
BRASIL ACIMA DE TUDO!**

REFERÊNCIAS

1. "9/11 Commission Report", <http://www.9-11commission.gov/report911Report.pdf>.
2. Major General Fast, Commanding General, US Army Intelligence Center, "Intelligence Lessons Learned: Leveraging the Practical Experience of Operation Iraqi Freedom/Operation Enduring Freedom", Jun 2006.
3. Olsen, Mathew G., Director, National Counterterrorist Center, Statement before the Senate Select Committee on Intelligence, Jul 26, 2011.
4. Parrish, Karen, American Forces Press Service, "Department of Defense Aggressively Pursues Intel Innovation", Washington, Oct 11, 2012.
5. London Olympic Games, Safety-Security-Strategy, Jul 2012.
6. Powers, James F., "Great Events Security Considerations", Department of Homeland Security (DHS), Oct 8, 2012 (private e-mail to the author).
7. Flynn, Michael T.; Jurgens, Rich; Cantrell, Thomas L.; "Employing ISR: Best Practices", Joint Force Quarterly, Jul 2008.
8. Dye, Dale; "CODE WORD: GERONIMO", IDW Publishing, San Diego/Cal, Sep 2011.
9. Stewart, Scott; "Terrorism Tradecraft" and "Evolution and Trends in Terrorism Tradecraft", Security Weekly, STRATFOR, Oct 2012.
10. Pinheiro, Álvaro de Souza; "A Guerra Irregular no Sec XXI: a Prevenção e o Combate ao Terrorismo Transnacional Contemporâneo; um Guia Militar nos Níveis Estratégico, Operacional e Tático"; Pub ECEME, abril 2012.